

Percorso



A dois ou três kilometros do centro de Vila Nova de Cerveira, a Sudeste, encontra-se a Casa em Pardelhas situada na única rua calcetada do lugar de Pardelhas, mais exactamente quando esta alarga e se divide. De um lado da rua, emparedada por muros de granito, vêem-se duas casas dispersas, agarradas à montanha, que se contrapõem ao lado oposto, onde o muro contínuo oculta a casa em estudo tal como outras casas que se vão adivinhando pelos portões. Este muro parece prosseguir indefinidamente e, além do volume de fachada cega que o compõe, nada mais se percebe.

O portão da Casa de Pardelhas, sóbrio e horizontal, difere do que foi inicialmente desenhado, que permitiria ver o interior estabelecendo continuidade com o exterior. Quando se atravessa o portão a calçada exterior prolonga-se para o interior por uma rua estreita de fachadas desalinhadas entre si, que se aproximam e afastam, e lhe conferem o carácter espontâneo que se pode encontrar em quase todas as aldeias do interior do Norte de Portugal. Esta rua privada, desenhada por muros que limitam a propriedade, pela garagem e pelo anexo, vai descendo através de alguns degraus e uma ligeira pendente até chegar ao pátio, onde se situa a entrada principal da casa. Marcas na fachada frontal do anexo e no muro mais próximo indicam o total encerramento deste espaço por uma porta actualmente inexistente.

O pátio¹³⁹ confinado pela casa, anexo e muros de contenção “(...) é uma autêntica sala ao ar livre. Por ela se tem acesso a tudo e para ela dão todas as portas.”¹⁴⁰ Deste pátio partem alguns percursos distintos de acesso à casa, um percurso de acesso ao jardim superior e ainda outro de acesso à eira.

Para aceder à casa, sobem-se as escadas que marcam a entrada principal ou

¹³⁹ Nos desenhos do projecto Távora designa este espaço de entrada de pátio.

TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENÉRES, António, “Zona 1”, in AFONSO, João, MARTINS,

¹⁴⁰ Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4^a ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, p.38





76



77



78



79

descem-se aproximadamente 30cm que diferenciam a cota dos quartos da do pátio. O acesso ao anexo é feito pelo interior, pelo facto da diferença entre este e a cota exterior ser de aproximadamente 60cm. Do pátio percebe-se que há uma estreita distância entre a casa e o anexo onde se encontra uma passagem que os une. A altura reduzida desta passagem denuncia um interior engenhoso. Verifica-se assim que há diferentes cotas no interior – piso térreo da casa e do anexo – dificilmente perceptíveis pelo exterior.

Além das escadas de acesso à casa, outras escadas partem deste pátio e dão acesso a um jardim, que se situa entre os muros de contenção que fazem a separação entre a propriedade e o espaço exterior à propriedade. Deste jardim tem-se uma perspectiva superior do primeiro núcleo e avista-se, no horizonte, Espanha.

No seguimento do percurso exterior, há uma passagem, por baixo da sala de estar, na qual se sente o contraste entre o pátio em luz e a sombra do espaço coberto que resguarda a lenha, protegendo-a da chuva. O portão que se segue é a ligação entre o pátio e o terreno em socalcos, que vai decrescendo de dois em dois metros à medida que se distancia da casa. Onde antes se desenvolvia a actividade agrícola encontra-se agora um jardim unido por alguns degraus que Távora foi sabiamente posicionando entre as diferentes cotas. Existem ainda no chão marcas do antigo portão e ouve-se o ruído da água que desce da caleira, passa pelo pavimento seguindo o trajecto que a conduz, em cada patamar, a um tanque em granito, desenhado por Távora e, finalmente, até ao fim da propriedade, numa altitude que recorda a Casa da Covilhã.

As pedras que seriam do antigo lagar, encontram-se agora espalhadas pelo jardim evocando e inventando memórias de outros tempos. “Há certas pedras que já deixaram de ser pedras, são poemas.”¹⁴¹

A uns metros do portão, na direcção perpendicular à saída para o jardim, encontra-se uma construção, que corresponde ao antigo lagar e casa da eira¹⁴², que Távora destinou a

¹⁴¹ BARROSO, Fernando, *Entrevista a Fernando Barroso*, Lisboa, 7 de Julho 2010,(em anexo p.200)

¹⁴² (...) casas da eira, onde se arrecadam, à noite, ou nos dias de mau tempo, o milho, o centeio, ou a cevada (...)

KEIL DO AMARAL, Francisco, HUERTAS LOBO, José, MALATO, João José, “Zona 3”, in AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4^a ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, p.275



80

91



81



82

93



83

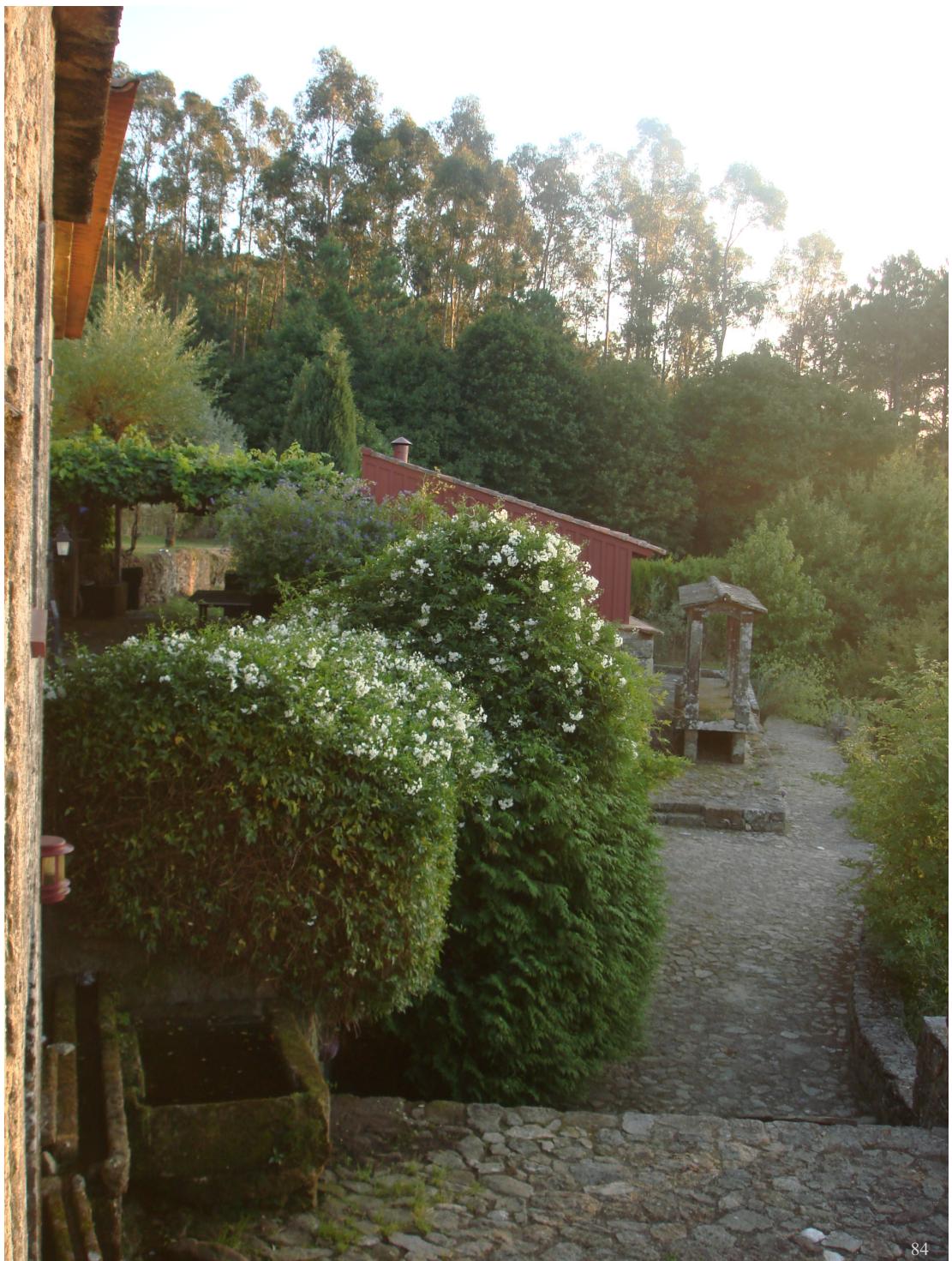
um novo programa de habitação, completamente independente da casa. A este conjunto da eira pertencem ainda dois espigueiros.¹⁴³

Tudo sugere dinâmica, é “O espaço do pátio que estreita e se alonga, faz um percurso, depois abre mas não abre completamente, o edifício que recua, a escada que aponta e que não tem guarda. Estes acontecimentos vão seguindo gradualmente a natureza do terreno até se sair novamente e se chegar a uma zona mais estável. Só aí se percebe que o terreno se faz em socalcos, vai descendo. Esta construção é de uma harmonia incrível com a paisagem e foi com isto que os arquitectos, que andaram a fazer o inquérito da arquitectura popular, se fascinaram.”¹⁴⁴

¹⁴³ “Quando é preciso arrecadar em quantidade o milho, (...), recorre o lavrador ao espigueiro ou canastro, verdadeiros silos, erguidos sobre colunas (...). A forma é invariavelmente a mesma por toda a parte: uma caixa comprida e estreita, coberta por duas águas de telha ou lousa, com divisões interiores removíveis e porta num dos topos. Situam-se perto ou defronte à eira, de que são o complemento.”

TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENÉRES, António, “Zona 1”, in AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4^a ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, pp.56-58

¹⁴⁴ PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.185)



84

95

Ampliação

Na parte onde se localizava o antigo sequeiro¹⁴⁵ localiza-se agora um novo volume pensado para a sala de estar. Apesar de haver uma grande diversidade de elementos que organizam o espaço, o desenho das carpintarias introduzidas respeita a proporção do conjunto. Na nova fachada que espreita o pátio, percebe-se que há uma transposição do ritmo das pequenas colunas e a reafirmação do limite do parapeito da varanda que, em conjunto com a cor, contribuem de forma significativa, para a coerência de um todo indissociável. “A colocação de alguma coisa de novo faz toda a diferença. Aqui ficou muito bem feita, bem encaixada, com proporção,... é uma intervenção, mas está dentro de linguagem, a cor unifica as coisas, da mesma forma que o novo alçado é extremamente contemporâneo, moderno, quase abstracto – o jogo de janela, vazio, cheio, vazio e pedra – mas que depois aparece encaixado, integrado neste sistema.”¹⁴⁶

A contemporaneidade do novo alçado sobressai do conjunto por este ser maioritariamente envidraçado. Ainda assim, a reduzida dimensão das janelas desta fachada é coerente com os vãos pré-existentes mantendo uma forte relação entre as distintas linguagens.

O novo volume da sala de estar, onde se localizava o antigo sequeiro, atrai quase de imediato a atenção por ser a única fachada em madeira, pela cor, por estar suspenso, e por

¹⁴⁵“(...) construções criadas para expor à acção do sol e do vento uma grande parte dos frutos da terra. (...) permite sem grandes trabalhos de recolha e exposição, completar a função da eira que lhe fica próxima. Vulgarmente, as aberturas entre colunas são vedadas por empanadas ou portadas, que, fixadas nas aresta superior, são sustidas e abertas, por intermédio de cravelhos de madeira, o que permite, em caso de mau tempo, fechar o sequeiro rapidamente.”

TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENÉRES, António, “Zona 1”, in AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4^a ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, p.50

¹⁴⁶ PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.186)



85